

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Gabryela Cavalcanti da Silva Felix Pereira¹ Luciana de Queiroz Ferreira²

¹Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Vale do Ribeira (UNIVR/UNISEPE) - Registro/SP

²Docente do Centro Universitário do Vale do Ribeira (UNIVR/UNISEPE) - Registro/SP

RESUMO

Os anos iniciais de vida são essenciais para o desenvolvimento humano, englobando o desenvolvimento físico, cognitivo, linguístico e sócio-emocional, promovido através das relações e interações com o meio e estímulos proporcionados por cuidadores, sejam os pais ou algum responsável. Este artigo buscou refletir sobre a importância do vínculo afetivo na primeira infância para o desenvolvimento, realizando uma breve revisão bibliográfica da teoria do apego de Bowlby e os estudos de Mary Ainsworth e de Mary Main, compreendendo o impacto do vínculo para o desenvolvimento humano.

Segundo a UNESCO (2007), conforme teóricos da psicologia e da educação, bem como sociólogos, os seis anos iniciais de vida são primordiais para o desenvolvimento da criança, formando uma base que poderá favorecê-la por toda a sua existência. Nesse sentido, o crescimento e o amadurecimento das crianças é promovido em boa parte através de estímulos positivos vindos de seus cuidadores.

Esta reflexão é relevante, visto que os anos iniciais da criança são peculiares e de suma importância para toda a sua vida.

Palavras-Chave: primeira infância, vínculo afetivo, desenvolvimento infantil, cuidador.

ABSTRACT

The early years of life are essential for human development, encompassing physical, cognitive, linguistic and socio-emotional development, promoted through relationships and interactions with the environment and stimuli provided by caregivers, whether parents or someone

responsible. This article sought to reflect on the importance of bonding in early childhood for development, carrying out a brief literature review of Bowlby's attachment theory and studies by Mary Ainsworth and Mary Main, understanding the impact of bonding on human development.

According to UNESCO (2007), according to psychology and education theorists, as well as sociologists, the first six years of life are essential for the child's development, forming a basis that will be able to favor them throughout their existence. In this sense, the growth and maturation of children is largely promoted through positive stimuli from their caregivers.

This reflection is relevant, since the child's early years are peculiar and of paramount importance for his entire life.

Keywords: early childhood, affective bond, child development, caregiver.

INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

Trabalhando na Educação Infantil é possível vivenciar o vínculo afetivo estabelecido entre bebê e cuidador. Estando diariamente em convívio e cuidados, o bebê passa a desenvolver apego ao ambiente e aos estímulos.

Ao longo de anos de pesquisa diversos autores psicanalíticos vem contribuindo de forma pertinente para a compreensão de como se consolida o vínculo afetivo na vida do ser humano. Estas contextualizações enfatizam que, a partir dos primeiros meses de vida, a criança desenvolve estruturas básicas subjetivas que fazem com que aos poucos consigam diferenciar o si mesmo daquele que o cuidar, o qual pode ser a mãe ou um cuidador responsável (BOWLBY, 2002).

Após o nascimento um dos primeiros vínculos estabelecidos é o mãe-bebê. A partir deste vínculo, encontra-se carinho, afeto, amor, proteção e alimento. Nos tempos atuais, o papel da mulher brasileira frequentemente não se resume apenas dentro do lar, sendo mãe e com tarefas domésticas, mas remete também ao seu bem estar pessoal, independência, busca pela sobrevivência, participação no mercado de trabalho e diversas atividades nas quais se engaja fora do lar.

Diante deste contexto, frequentemente ocorre uma separação precoce do bebê em relação a sua

mãe, levando-o a ficar sob os cuidados de um cuidador secundário, seja avós, tios, babá, ou, quando está frequente a creche, professores e auxiliares. Tal processo acarreta o “distanciamento” de mãe e filho devido a, com frequência, demandar da mãe muitas horas de jornada de trabalho e/ou estudo, locomoção e outros. Assim, o bebê estabelece um novo vínculo com seus cuidadores, buscando recursos antes vindos da mãe para confortar o sentimento de abandono e para sua sobrevivência.

Na primeira infância a criança depende da situação presente, diferente de crianças mais velhas. A criança pequena não carrega para a situação presente, conhecimentos já adquiridos sobre as coisas e, por essa razão, o que ela vê exerce grande influência e os objetos adquirem um caráter de afeto. “É como se de cada objeto emanasse um afeto de atração ou repulsão que é o motivo que estimula a criança” (VYGOTSKY, 1996, p.341).

Segundo a Teoria do Apego de Bowlby (1969), a manutenção e a formação dos vínculos, são perpetuadas pela necessidade de satisfazer certos impulsos, como sexo na vida adulta, e necessidade de cuidados básicos na infância. Para o autor, existe uma necessidade inata nos bebês de contato com o ser humano, resultando em uma necessidade do bebê em possuir um objeto independente de alimento e conforto.

Bowlby esclarece que:

Embora seja usual a mãe natural de uma criança ser a sua principal figura de apego, o papel pode ser efetivamente assumido por outras pessoas. As provas que se dispõem evidenciam que, desde que uma figura substituta se comporte de um modo maternal em relação a um bebê, este a tratará da mesma maneira que outra criança trataria sua mãe natural. (BOWLBY, 2004, p. 380)

METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo foi norteado por pesquisa bibliográfica descritiva, porque esta oferece a possibilidade de se investigar processos subjetivos como a vivência, as expectativas e os impactos emocionais relacionados ao objeto da pesquisa.

A respeito desta modalidade de pesquisa bibliográfica:

Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das

coisas. (GIL, 2002,p.42)

Foi realizada pesquisa bibliográfica descritiva, por meio de livros e artigos científicos em base de dados científicas: Google Acadêmico, Scielo, NCBI. A seleção foi realizada através dos descritores “vínculo afetivo”, “desenvolvimento infantil”, “cuidador” e a organização dos conteúdos foi realizada através da seleção dos artigos com tema semelhante, sendo posteriormente filtrados os artigos mais relevantes para estudo.

A TEORIA DO APEGO

A Teoria do Apego foi desenvolvida, através dos estudos de Jonh Bowlby sobre o vínculo desenvolvido por recém-nascidos e suas mães, e após a perda da figura materna na primeira infância. Mary Ainsworth como co-fundadora da teoria do apego, enriqueceu e reformulou-a, trazendo expansão e novos direcionamentos com as testagens empíricas e relações sociais. Elucidando de maneira prática tal estudo e sua aplicabilidade Mary Main, como propulsora da teoria, seguiu os passos dos fundadores, e direcionou a narrativa para a representação de um quarto padrão de vinculação. Bowlby impressionou-se com as evidências de efeitos adversos ao desenvolvimento atribuídos ao rompimento na interação com a figura materna na primeira infância (AINSWORTH & BOWLBY, 1991).

O APEGO

O apego define-se como dedicação excessiva e constante estima, ligação afetiva. Segundo Bowlby (1989), apego é um mecanismo básico dos seres humanos, um comportamento biologicamente programado, como a alimentação e sexualidade. Em adultos, tal mecanismo atua como um laço de forma recíproca, porém, em crianças apresenta-se como base de necessidade de segurança e proteção dela para com o cuidador.

De acordo com Bowlby (1990), o vínculo constitui-se por uma ligação composta por uma rede de comportamentos, que tem relação com a proteção natural da espécie, por ser a criança muito pequena e indefesa, sendo difícil sua sobrevivência sem a proteção de um cuidador.

Ainsworth (1967) afirma que o apego se manifesta por meio de padrões de conduta específica, sendo algo interno com aspectos de sentimento, de memórias, de desejos, de expectativas e de intenções, os quais servem como uma espécie de filtro para a recepção e interpretação da

experiência interpessoal, como um tipo de molde que configura a natureza de uma resposta externamente observável.

Posteriormente, Main (2000) caracterizou o apego como um interesse insistente em manter a proximidade com uma pessoa selecionada, tendendo a usar esse indivíduo como base segura para a exploração do desconhecido. O apego funciona como manejo de sobrevivência, a representação do desenvolvimento físico, social e emocional.

O VÍNCULO

Define-se vínculo o que ata, liga ou aperta; o que estabelece uma relação lógica ou de subordinação, o que liga afetivamente uma ou duas pessoas. (VÍNCULO, 2021). O vínculo afetivo é a maneira de ligar-se emocionalmente ou comportalmente, como meio de manutenção e subsistência. Segundo Bowlby (1990), é um laço relativamente duradouro que se estabelece com um parceiro.

PADRÕES DE VÍNCULO

Mary Ainsworth, usando seus estudos observacionais e a formulação inicial de Bowlby, expandiu os conceitos da teoria do apego. Ela realizou pesquisa com pares de pais e recém-nascidos, durante o primeiro ano da criança. Com suas observações identificou três padrões de apego.

Apego seguro: as demandas emocionais da criança são correspondidas, mesmo com a ausência do cuidador ou em situações estressantes, a criança tem suas necessidades identificadas e compreendidas.

Apego inseguro: a criança não demonstra emoção diante da ausência ou presença da mãe, ignorando-a e apresentando reações mais amistosas em relação aos estranhos. A criança sente que não há apego, o cuidador desencoraja o mesmo.

Apego ambivalente: a criança apresenta medo e ansiedade na presença de pessoas estranhas e ausência da mãe, além de traços de ressentimento e raiva na presença desta, ao desejar retornar o vínculo. A mãe não atende às expectativas emocionais da criança.

O trabalho de Ainsworth atraiu estudiosos e inspirou pesquisas. Subsequentemente Mary Main

e colegas da universidade da Califórnia, identificaram um quarto padrão, o apego desorganizado.

Apego desorganizado: a criança demonstra apego e raiva ao mesmo tempo, com reações contraditórias, expressão de ansiedade, apreensão e movimentos incompletos ou sem sentido.

Segundo Bowlby (1998) apud Siqueira, Andriatte (2001), todo ser humano já nasce propenso a estabelecer vínculos afetivos. Essa capacidade, no entanto, pode ser diminuída devido a fatores externos que impedem o bebê desempenhar esse potencial com as pessoas que o cerca. A capacidade é inata, mas precisa ser estimulada adequadamente para se concretizar. (p.15).

As observações de Ainsworth (1981) em suas pesquisas constataram que na experiência de situação estranha, na qual os recém-nascidos encontravam-se na ausência dos pais e presença de desconhecidos, a organização do comportamento de apego varia, conforme a capacidade da mãe de atender aos sinais e comunicações de seu filho. Existindo três padrões de apego inseguro, esses padrões seriam uma estratégia de defesa das crianças para se relacionarem com pais inconsistentes.

Inseguro evitativo: a criança finge não perceber as idas e vindas da mãe, demonstrando protesto e pouco consolo com sua presença.

Inseguro ambivalente: a criança protesta, segurando-se ao cuidador fortemente chorando, sem conseguir consolar-se em sua presença.

Inseguro desorganizado: não apresentam padrão coerente de resposta, deixando de usar seu cuidador como fonte de amparo, pois ele é fonte de medo e insegurança.

Os primeiros cuidados dados a uma criança são a base para toda a sua formação afetiva e emocional futura. Segundo Bowlby (1990), abordando estudos sobre vínculo entre a criança e o seu cuidador, esse se dá por uma ligação composta por uma rede de comportamentos, que tem relação com a proteção natural da espécie, por ser uma criança muito pequena e indefesa, sendo difícil sua sobrevivência sem a proteção de um cuidador.

CUIDADOS MATERNOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Para Bowlby (1981) o apego como comportamento é uma estratégia de sobrevivência criada durante o processo evolucionário, com o objetivo de tornar a criança mais próxima à mãe e como por instinto, os cuidados maternos eram ativos através de um sistema de comportamentos, garantindo assim sua sobrevivência.

Bowlby e Ainsworth 1981, p.73 apontam que:

Uma criança precisa se sentir que é objeto de orgulho para a sua mãe, assim como uma mãe necessita sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho; ambos precisam se sentir profundamente identificados um com o outro. Os cuidados maternos com uma criança não se prestam a um rodízio; trata-se de uma relação humana viva, que altera tanto a personalidade da mãe quanto a do filho.

A disponibilização de cuidados físicos, fisiológicos e afetivos de uma mãe para a criança irá determinar o grau de apego que possuirá a criança nessa relação. As crianças criadas em um seio familiar, providas de proteção e cuidados, têm favorecida a saúde em todos os aspectos.

Na relação mãe-bebê, o vínculo é a primeira relação dentre todas as outras possíveis, sendo de vital importância para a formação da personalidade, funcionamento socioafetivo, desenvolvimento emocional e cognitivo. A ausência ou falha dos cuidados maternos no início da infância podem acarretar à criança prejuízos à saúde mental e ao desenvolvimento da personalidade, assim como o acometimento de doenças, danos físicos e intelectuais.

O tempo de duração da privação materna determina o quanto de desprotegida pelas circunstâncias uma criança sofre. Quanto mais cedo acontece o retorno à sua mãe, menos prejuízo há. (BOWLBY. AINSWORTH,1981).

CONCLUSÃO

O presente estudo apresentou preceitos básicos da teoria do Apego, elucidando os padrões de vínculos e sua contribuição para o desenvolvimento desde a tenra idade, os impactos do estabelecimento de um vínculo entre mãe e bebê, com o aporte do apego seguro, contribuindo

para a maturação emocional, cognitiva, física e social.

Para a teoria do Apego de Bowlby (1990), a espécie humana é equipada com sistemas comportamentais que têm a função adaptativa de promover a sobrevivência. O apego é uma disposição para buscar a proximidade e contato com a figura específica, e seu aspecto central é o estabelecimento de segurança.

REFERÊNCIAS

- BOWLBY, J. *Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo*, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (1969; 1990).
- BOWLBY, J. [1907]. **Apego, a natureza do vínculo**. [tradução de Álvaro Cabral]. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. v. I (Psicologia e pedagogia).
- BOWLBY, J. **Apego e perda: separação: angústia e raiva**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. v. II (Psicologia e pedagogia)
- BOWLBY, J.; AINSWORTH, M. D. S. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. V.5 São Paulo, 2002.
- MAIN, M. **The organized categories of infant, child, and adult attachment: flexible vs. inflexible attention under attachment-related stress**. *Inflexible Atten Attach-Relat Stress J Amer Psychoanal Assn*. 2000;48:1055-95.
- SIQUEIRA, Leia Aparecida; ANDRIATTE, Aparecida Malandrini. **Um estudo observacional sobre o vínculo afetivo em bebês abrigados em instituições**. 2001. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/2/1_um_estudo_observacional_sobre_o_vinculo_afetivo_de_bebes.pdf> Acessado em: 01 de novembro de 2021.
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Bases sólidas: Educação e cuidados na Primeira Infância**, Relatório Conciso. Brasília, 2007. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001477/147785por.pdf>>. Acesso em: 13 de Junho de 2020
- VÍNCULO. In. MICHAELIS **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. 2021. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em : 06 de novembro de 2021
- VYGOTSKY, L. S. (1996). **Obras escolhidas IV**. Madri: Viso

